

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 688

Data: 13 de 91

Pg.: 019 e 21

Governo queria que terenas aculturassem os guaranis



DOURADOS — Psicólogos, antropólogos e historiadores que estudam a ocorrência de suicídios na Reserva

Indígena de Dourados, em Mato Grosso do Sul, ainda não conseguiram elaborar um diagnóstico para o problema. As hipóteses que despontam como possíveis explicações para o fenômeno, no entanto, passam pela forma como foi concebida a reserva.

Segundo a historiadora Irene Nogueira Rasslan, professora do Centro Universitário de Dourados, que estuda as consequências do contato entre a população indígena e os 200 mil habitantes da cidade, originalmente a área abrigava apenas dois subgrupos guaranis — nhandeva e caiuí. Os terenas foram trazidos de uma região mais ao norte, nas proximidades de Campo Grande, a 230 quilômetros de Dourados. A expectativa com a transferência era a de que os terenas, em estágio bem mais avançado de aculturação, ajudassem a aproximar os guaranis da comunidade branca.

"Foi um erro", avalia a historiadora. "São povos fisicamente diferentes, com línguas diferentes", destaca. "Além disso, os guaranis têm consciência de que a terra era deles." O ressentimento com relação aos terenas é perceptível nas palavras do capitão Carlito de Oliveira, líder dos caiuías. "Eles são como os brancos, não tem diferença."

A heterogeneidade, segundo o antropólogo Levi Marques Pereira, do Projeto Caiuí-Nhandeva, ligado à Universidade de São Paulo, diferencia a área indígena de Dourados de outras onde se encontram caiuías e não são verificados suicídios. "Isso deve ser levado em consideração."

Apesar das dificuldades de relacionamento, no entanto, a convivência entre guaranis e caiuías tem crescido. Guai, por exemplo, um índio de 21 anos, se diz caiuí, como seu pai, mas sua mãe é terena, assim como sua mulher. Seu irmão Celso se suicidou há 12 anos e ninguém sabe explicar a razão. Guai é o único entre 9 irmãos que vive do artesanato, hoje em dia feito com plástico, no lugar de cipó, e penas de galinha tingidas. Os outros irmãos de Guai ga-



Regério Assis/AE

O líder Ireneo e a mulher: "O índio bebe e não pensa mais direito"

nham a vida em temporadas de trabalho como bóias-frias.

A saída da reserva é também apontada como um dos fatores que incentivam os suicídios. Em abril de 1990, Mauro Dias, caiuí de 17 anos, voltou de uma fazenda onde havia passado dois meses. Três dias depois de saber que sua mulher tinha arrumado outro marido, ele se enforcou. Passados mais dois dias, sua irmã, Roseli, tomou agrotóxico. "O índio sente muita vergonha", tenta explicar Pedro, primo dos irmãos Dias.

A pior das vergonhas, segundo a historiadora Irene, é a de ser índio. "O crescimento da cidade, que praticamente encostou na reserva, trouxe consigo o supermercado, o sabão em pó, a cachaça e eles querem tudo isso", observa Irene. Para ela, o mais grave é o álcool. Para alguns índios, também. "O índio bebe e não pensa mais direito", afirma o mais velho líder da reserva, o capitão Ireneo Isnardi, ou Avarandui, de 91 anos. Pelo menos quatro índios vendem bebidas na área caiuí. Um deles, o guarani Assunção Cáceres, tem até uma mesa de bilhar.

A terra, por outro lado, é escassa — a população dobrou de tamanho em dez anos e a reserva não cresceu. "Não temos dinheiro para comprar semen-

tes nem trator para limpar o capim colômbio", afirma o capitão Carlito. Com mais de dois metros de altura, o capim é quase uma marca registrada da reserva, invadindo suas terras férteis e mesmo as estradas poeirentas que a cortam. Hoje, os índios de Dourados contam com menos de 0,5 hectare per capita. Mais de 50% das crianças apresentam desnutrição. Muitas morrem antes dos cinco anos. O guarani nhandeva Clementino Vilhalva tentou se enforcar há sete meses. Ao explicar suas razões, ele falou que estava bêbado e triste de saudade dos três filhos que perdeu.

Para os adolescentes, o choque dessa realidade com o conforto da cidade gera um desespero existencial, segundo a psicóloga Maria Aparecida Costa Pereira. Eles procuram os cartórios para se registrar como cidadãos, o que os coloca em condições de tirar carteira de motorista e até mesmo comprar a prazo. A vida na aldeia também dá mostras da vontade de deixar de ser índio. Há o conceito de propriedade, cada um tem sua terra e às vezes até a arrenda para outros, para, com mais condições, plantarem a soja. É o caso de João Vilhalva, irmão de Clementino. Ele ganha Cr\$ 500,00 por um dia de trabalho em suas próprias terras. (W.N.)